



CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga
Presidente do ISB

Artigo nº 69/2009
Contatos: secretaria@isb.org.br

A TORÇÃO DA NOSSA IMPRENSA

Foi-se muito longe o tempo em que tínhamos uma saudável diversidade entre os jornais que circulavam entre os brasileiros. Aqui no Rio, por exemplo, podiam-se encontrar diariamente nas bancas o Correio da Manhã, O Jornal, o Diário Carioca, o Diário de Notícias, o Jornal do Commercio, O Dia, O Globo, A Noite, a Última Hora, A Notícia, o Diário da Noite, a Tribuna da Imprensa, a Imprensa Popular, num espectro de opiniões que realmente cobria todas as posições políticas, da direita mais reacionária à esquerda comunista, com bastantes nuances diferentes no miolo conservador do centro. É provável que me tenha esquecido de algum outro de menor importância e é certo que não mencionei os jornais de São Paulo, que eram bem lidos em nossa cidade, especialmente, naquele tempo, O Estado de São Paulo, que desfrutava de grande prestígio.

Era uma leitura interessante e instigante, de excelente qualidade, pela qual se formava uma opinião realmente plural e embasada em razões e argumentos carregados de parcialidade mas substanciais e bem defendidos. As emissoras de rádio tinham também seus comentaristas, a televisão, ainda incipiente, tinha programas de entrevistas, mas nem de longe marcavam a consciência popular com a profundidade que a leitura dos jornais propiciava. Nas ruas, nos ambientes de trabalho, nos bondes, nas casas, nas mesas de jantar, discutia-se e comentava-se o que era lido nos jornais.

Desnecessário ressaltar a diferença com o quadro de nossos dias: eu quase não vejo televisão, mas os jornais diários que leio, seja do Rio, de S. Paulo ou de qualquer outro estado, são absolutamente iguais nas opiniões e na conformação do noticiário, na conformação e na distorção do noticiário e das interpretações. Só nas revistas semanais se pode encontrar alguma diversidade, na Carta Capital e nos Caros Amigos. É certo que surgem, com grande presença e prestígio, os noticiários de internet, e alguns, ao que parece (eu ainda não adquiri o hábito), são de muito boa qualidade. O problema desta novidade é a competição selvagem pela primazia no “tempo real”, que frequentemente resvala para a irresponsabilidade de notícias e interpretações oferecidas sem o indispensável cuidado de uma verificação mais demorada.

Isso é o resultado, todos sabem, da concentração do capital e da defesa uníssona dos seus interesses. Daí o reclamo constante pela democratização dos meios de comunicação, e a iniciativa da criação de uma empresa de televisão estatal, isto é, não sujeita aos interesses do capital. E este será o grande tema da Conferência Nacional de Comunicação que se vai realizar este ano e da qual muito se espera em termos de idéias e sugestões para a democratização do setor.

Aliás, aproveito o ensejo para, entre parênteses, saudar com grande alarido a política do Governo Federal de convocar essas conferências nacionais para discutir temas da maior relevância com uma abertura e um grau de participação da sociedade realmente nunca antes vistos em nossa história. Dezenas, várias dezenas dessas conferências têm sido realizadas nos últimos cinco anos, com êxito incontestável em termos de aperfeiçoamento da nossa democracia. É um campo da política onde o Brasil está avançando mais e fornecendo ensinamentos ao resto do mundo.

Encerro os parênteses e retorno à imprensa. A televisão impacta pela imagem e forma a opinião imediata, mas só a leitura dos jornais é capaz de conduzir à meditação que revolve os conceitos sedimentados e forma os juízos mais sólidos. Se todos coincidem numa apreciação, fica muito difícil pensar de outra maneira. Assim aconteceu durante as duas décadas que decorreram desde a derrocada soviética até a manifestação da crise econômica atual: havia um só pensamento no concernente à organização das políticas econômicas, que era o do neoliberalismo, o do chamado

Instituto Solidariedade Brasil - ISB

Av. Beira Mar, nº 216 - Térreo
Rio de Janeiro - RJ

www.isb.org.br

Tel: (21) 2285-3702
e-mail: secretaria@isb.org.br



CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga
Presidente do ISB

Artigo nº 69/2009
Contatos: secretaria@isb.org.br

Consenso de Washington, que se apregoava como verdade inquestionável, como verdade científica incontestável que não deixava espaço a qualquer outra alternativa. E o pensamento único desafiava os opositores a que apresentassem alternativas, só que nenhum espaço era dado pelos jornais a essa apresentação, e a ausência da polêmica era invocada como prova da certeza do pensamento único. Somente após a eclosão da crise apareceu a alternativa óbvia: a intervenção do Estado, pecado mortal do neoliberalismo. Um dos fatores que levaram a um reconhecimento mundial do Brasil como exemplo de sabedoria foi o fato de que nosso País rompeu com o neoliberalismo ainda antes da crise, seu povo se manifestou nitidamente contra a política de privatizações e chamou o Estado a intervir através das empresas públicas que sobraram e dos programas governamentais de distribuição de renda.

É assim que o velho bom-senso nos pede para duvidar das coisas que os jornais dizem agora a respeito dos acontecimentos do Iran, da Coréia e de Honduras, para não mencionar os casos mais antigos da Venezuela e da Bolívia.

Eu, pessoalmente, não tenho a menor simpatia pela República Islâmica do Iran e sua sinistra guarda revolucionária, que cala manifestações críticas, veta candidatos heterodoxos e oprime absurdamente a juventude e as mulheres, mesmo que tenha o apoio da maioria conservadora do país. Menos simpatia ainda dedico ao seu Presidente Ahmadinejad, em razão de suas declarações estapafúrdias sobre Israel e sobre o Holocausto, que se parecem muito com a de líderes árabes logo após a decisão da ONU sobre a partilha da Palestina (iam jogar os judeus no mar em duas semanas), que só serviram para deflagrar guerras, disseminar e aprofundar ódios. Entretanto, pular dessa antipatia e dessa desaprovação para a acusação de que tenha havido fraude na reeleição do Presidente parece uma afronta à verdade e à justiça. Para mim, é mais uma dessas rançosas e velhacas manobras da imprensa capitalista quando tenciona criar o ambiente para o golpe de derrubada do grupo no poder. E é claro que o governo eleito, legítimo, tem de reagir de forma drástica para evitar a propagação dos focos de incêndio político. Há muitos focos de revolta entre a população de Teerã, especialmente entre as classes universitárias e as mulheres, e o nosso sentimento libertário está claramente a favor dessa revolta; mas nunca se pode, eticamente, democraticamente, fustigar os revoltosos ao golpe contra a maioria conservadora do interior e das periferias. Até porque, politicamente, as tentativas frustradas de golpe costumam atrasar o processo de evolução para a liberdade.

Comentários de certa forma análogos se podem fazer sobre o que se apresenta como um desafio absolutamente insensato, quase insano da Coréia do Norte ao mundo todo, desenvolvendo armas atômicas e lançando mísseis de grande alcance. Nossos jornais não escrevem nenhuma linha sobre as propostas de reunificação das duas Coréias feitas pelo governo do Norte, e os efeitos dessas propostas sobre a opinião e sobre o governo da Coréia do Sul. A proposta seguiria a linha de uma federação que manteria o regime e o governo de cada uma mas unificaria sua política externa, sua presença no mundo, e reduziria muito a influência americana ainda existente no Sul, onde o Império tem, não se sabe por quê, armas nucleares armazenadas.

Enfim, fico por aqui para não me estender demais, mesmo tendo ainda muito o que falar sobre o noticiário de cobertura política dos países latino-americanos: vamos ver como tratam o golpe de Honduras, antes insuflado, e vamos ver se continua o silêncio sobre o México, que embarcou no NAFTA (para onde também nós iríamos se Lula não tivesse sido eleito) e hoje anda a braços com dificuldades enormes. Oportunamente.

Instituto Solidariedade Brasil - ISB

Av. Beira Mar, nº 216 - Térreo
Rio de Janeiro - RJ

www.isb.org.br

Tel: (21) 2285-3702
e-mail: secretaria@isb.org.br